



Editorial

O estudo da cerâmica antiga: novos desafios teóricos e metodológicos

Os estudos sobre a cerâmica antiga na Península Ibérica mantiveram, nestas primeiras duas décadas do século XXI, uma notável vitalidade. Dela também a nossa Sociedade tem dado o respectivo eco, como outros colegas já tiveram oportunidade de lembrar em vários editoriais dos boletins anuais, de que destaco o do nosso companheiro Dario Bernal (2019), comemorativo dos 10 anos de fundação da SECAH.

Nas reuniões científicas sobre cerâmicas, e na publicação das respectivas actas, bem como em outras obras, em formato de artigo de revista, ou representadas por monografias sobre categorias específicas, ou ainda como parte integrante de trabalhos sobre sítios concretos, tem-se seguido, na maior parte dos casos, um modelo de análise que podemos chamar “clássico”, que contempla os quadros tipológicos definidos e as datações associadas a cada uma das morfologias identificadas. A este modelo, ainda actual e absolutamente imprescindível para o estabelecimento dos parâmetros cronológicos em que nos movimentamos, tem-se vindo a acrescentar outras modalidades de abordagem, mais holísticas, nomeadamente as que, em anos recentes, têm valorizado as análises contextuais. A este respeito, sublinhem-se as palavras de José Carlos Quaresma, que afirmou que era necessário “...fazer frente ao monolitismo das grandes tipologia e à sua inerente distorção das nuances temporais e geográficas da difusão da cultura material...” (Quaresma 2018). A importância dos contextos de recolha das cerâmicas antigas é, de facto, inegável para o entendimento da relação sistémica e dialéctica entre os artefactos e os indivíduos que os produziram primeiro e os utilizaram, depois, nos centros de consumo.

Assim, e mesmo considerando que as tipologias estão relativamente bem definidas e que as datações de cada uma das formas que as integram suficientemente esclarecidas, não pode dizer-se que os estudos sobre a cerâmica antiga estejam esgotados, muito pelo contrário. Outras perspectivas se abrem num relativamente vasto leque de possibilidades. Para além da importância da já citada análise contextual, que espero, sinceramente, que crie “escola”, os recipientes cerâmicos podem e devem ser abordados tendo em consideração também a sua utilização, concretamente no que se refere aos de uso comum, na preparação e confecção dos alimentos na cozinha.

Neste âmbito, vale a pena destacar os trabalhos que A. Saez Romero tem realizado em colaboração com outros autores para as cerâmicas ditas comuns da área de Cádiz, sobretudo as correspondentes à fase tardo-púnica (séculos III e II a.n.e.) e romana republicana (Saez Romero y Aragon, 2020). Neste caso concreto, a atenção foca-se no seu uso nos processos culinários, o que possibilitou uma avaliação da própria dieta alimentar verificada nas alterações da morfologia dos vasos destinados à preparação de alimentos. Parece evidente que as análises químicas de resíduos orgânicos sobre as superfícies internas destes vasos nos centros de consumo poderão acrescentar outros dados acerca dos produtos neles cozinhados, o que completará a informação arqueológica já disponível para a Península Ibérica, concretamente a que se refere aos estudos faunísticos, polínicos e carpológicos. No mesmo trabalho, insiste-se, por outro lado, que as distintas formas de panelas e caçoilas deverão traduzir diferentes fórmulas de cozinhar os alimentos. Na sequência de estudos anteriores de Oswaldo Arteaga e colaboradores sobre os fornos de Torre Alta (2001), um artigo recentemente



publicado (Saez y Aragon 2020) insiste também na presença de módulos, que poderão reflectir um padrão de pesos e medidas, característico de um sistema administrativo próprio de uma sociedade de tipo estatal. Ficou provada “la existencia de series estandarizadas y perfectamente modeladas en las cerâmicas locales destinadas al fuego...” (Saez y Aragon 2020: 228), pretendendo-se alargar a outras categorias, concretamente às de mesa, a mesma análise, porque, assim, se tornará possível, por outro lado, avaliar quantos pratos poderão ser cheios com o conteúdo de cada uma das panelas. Esta informação é utilíssima para uma abordagem de ordem social e demográfica. Recorreu-se também à etnoarqueologia e à reprodução física de vasos, bem como a aplicações informáticas que permitiram a obtenção de modelos 2D e 3D, para o que foi usado o software *Blender 2.78*, que associado ao algoritmo *add-on 3D* possibilitou calcular o volume dos recipientes (Saez y Aragon 2020: 227). A mesma metodologia tem vindo igualmente a ser testada pelos mesmos autores para as ânforas, trabalhos que estão na sequência de experiências anteriores levadas a efeito, ainda que com outro software de cálculo computacional, como o *Wolfram Mathematica*, a propósito da standardização das medidas e dos pesos dos contentores anfóricos pré-romanos, a que se associou a quantificação da produtividade dos fornos da baía gaditana em que eram produzidos (Saez Romero y Moreno 2017). Este tipo de análise, de grande novidade metodológica, pode ser aplicado, com as devidas adaptações, a sítios de cronologia diversa e geograficamente alargados, quer para materiais importados da baía de Cádiz quer para outros com origem diversa ou de produção local.

O recurso à tecnologia digital para o estudo sobre a cerâmica antiga, que é incontornável no momento actual, está já em curso na nossa área sob outras formas, nomeadamente nas bases de dados *online*, como aquela que o projecto europeu ARCHAIDE constitui, como Dario Bernal, no editorial de 2019, teve oportunidade de destacar. A elaboração e utilização dos *big data* que estas bases de dados reflectem, tal como, aliás, as próprias análises dos resíduos orgânicos já citadas, traduzem o entrosamento da Arqueologia em geral e do estudo da cerâmica antiga em particular, no movimento da chamada 3ª Revolução Científica, nascida no *Massachusetts Institute of Technology* no início da segunda década do século XXI, no quadro de um encontro organizado pela Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), e que assenta no conceito de convergência. Os *big data*, que podem ser considerados um *hot topic* dos estudos arqueológicos actuais, alteraram significativamente o paradigma científico da arqueologia das duas últimas décadas, expressando-se pelo vasto volume de dados, pela alta velocidade a que se lhes tem acesso e pela sua enorme variedade. Para além da já citada ARCHAIDE, outras importantes bases de dados estão disponíveis para as cerâmicas antigas, como por exemplo as do ICAC e da University of Southampton para as ânforas Amphorae ex Hispania (<http://amphorae.icac.cat>) e Roman Amphorae: a digital resource (https://archaeologydataservice.ac.uk/archives/view/amphora_ahrb_2005/) e a referente à *Terra Sigillata* (Samian Research: <https://www1.rgzm.de/samian/home/frames.htm>).

Nos antípodas destas abordagens, que representam um regresso a uma arqueologia de recorte processual e de acordo com os cânones newtonianos, está o novíssimo pós-humanismo, que tem vindo a ganhar corpo também nos estudos cerâmicos de época romana. A crítica à visão antropocêntrica do mundo em geral e da arqueologia em particular, e a posição ontológica que defendem na esteira Bruno Latour, um dos fundadores da Actor Network Theory (ANT), conduzem a uma análise focada no que chamaram “*objects in motion*” e “*diasporas of ma-*



terial culture” (Versluys 2014; Van Oyen 2017), onde os objectos ganham protagonismo no processo da romanização, tornando-se agentes com igual ou mesmo maior relevância que os próprios homens que os fabricaram e usaram. A adopção por parte da comunidade científica destas abordagens não tem tido um particular sucesso, tendo sido já chamadas de esotéricas por Kristiansen (2014). Uma crítica muito bem fundamentada ao “novo materialismo” pode ler-se em trabalho recente de Fernández-Götz, Maschek y Roymans (2020), onde se reconhece a existência de uma agência para os artefactos, mas apenas no sentido em que “they ‘act back’ on people” (Fernández-Götz, Maschek y Roymans 2020: 1631).

Os estudos sobre cerâmica antiga estão assim em franco desenvolvimento do ponto de vista metodológico e envoltos em debates teóricos que não podemos ignorar, até porque traduzem a sua grande vitalidade.

Referências

- Arteaga, O.; Castañeda Fernández, V.; Herrero Lapaz, N. y Pérez Rodríguez, M. 2001: Los hornos tardopúnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). Excavación de urgencia de 1997, *Anuario arqueológico de Andalucía* 1997, 3.
- Bernal, D. 2019: “En los Decennalia de la SECAH. Retos y desafíos ceramológicos en la Era Digital”, *Boletín Ex Officina Hispana* 10, 7-12.
- Fernández-Götz, M.; Maschek D. y Roymans, N. 2020: “The dark side of the Empire: Roman expansionism between object agency and predatory regime”, *Antiquity*, 94(378), 1630-1639.
- Kristiansen, K.; Chilton, E.; González-Ruibal, A.; Huvilla, I.; Larson, S. y Niklasson, E., 2014: “Towards a new paradigm? The Third Science Revolution and its Possible Consequences in Archaeology”, *Current Swedish Archaeology* 22, 11-71
- Quaresma, J. C. 2018: “O estudo de contextos em Arqueologia do Mundo Romano e da Antiguidade Tardia no século XXI: a lenta construção de um *E pluribus unum*”, *Boletín Ex Officina Hispana* 9, 4-6.
- Saez Romero, A. y Aragon, 2020: “¿Qué se cuece? Evolución formal, estándares de capacidad y análisis funcional de las cerámicas “de cocina” fenicio púnicas de Gadir”, en C. Gómez Bellard, G. Pérez-Jordá y A. Vendreli Betí (Eds.) *Alimentación en el mundo fenicio-púnico: producciones, procesos y consumos (SPAL Monografías de ArqueologíaXXXII)*, Sevilla, 197-240.
- Saez Romero, A. y Moreno, E. 2017: “Contando la historia. Experiencias de cuantificación y análisis volumétrico en centros artesanales púnicos de la Bahía de Cádi”, *Archivo Español de Arqueología*, 90, 219-246.
- Van Oyen, A. 2017: “Material culture in the Romanization debate”, en A. Lichtenberger y R. Raja (eds.) *The diversity of Classical Archaeology*, Turnhout, Brepols, 287–300.
- Versluys, M. J. 2014: “Understanding objects in motion: an archaeological dialogue on Romanization”, *Archaeological Dialogues*, 21, 1–20.

ANA MARGARIDA ARRUDA

(Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Centro de Estudos Clássicos da UL)